

AS INTERJEIÇÕES NO PORTUGUÊS ANGOLANO: A LÍNGUA E A CULTURA EM DEBATE SOB PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA¹

Felismino da Conceição Paulo Sérgio²

RESUMO

As interjeições são expressões que refletem emoções, reações e sentimentos de forma rápida e muitas vezes involuntária. No português angolano, essas expressões realçam não só a língua em si, mas também uma parte da cultura incrivelmente variada e informada do seu povo. O objetivo da presente pesquisa consiste em analisar as interjeições nos variados estilos de música (Kuduro, Kizomba, Semba e Hip Hop). A pesquisa busca discutir as relações entre língua e sociedade no contexto angolano, assim como identificar traços próprios das interjeições do português angolano à luz das relações entre língua e cultura. Efetuamos uma revisão de literatura organizada, o que nos permitiu dialogar com autores como Sassuco (2021), Labov (2008), Mollica (2004), Coelho et al. (2012), Undolo (2014), Santana; Timbane (2021) e Aguilar (2011). Além disso, efetuamos uma análise das letras dos variados estilos de músicas feitas em Angola, num total de 10, entre homens e mulheres. Daí termos optado por uma mostra aleatória simples. Da pesquisa se conclui que as interjeições são, por conseguinte, uma ferramenta linguística de expressão não direta, mas que contêm significados culturais e sociais diferenciadores das identidades socioculturais. Com base nas observações rigorosas entre falantes nativos, o estudo conclui que a força e as nuances implementadas das interjeições do português angolano demonstram sua relevância na compreensão cultural e nas dinâmicas sociais como atividades úteis. Por fim, conclui-se que a pesquisa contribui para o discurso sobre a interconexão entre língua e cultura, refletindo a vida social presente na cultura de um povo na língua em uso.

Palavras-chave: língua portuguesa - interjeições; língua portuguesa – Angola; sociolinguística.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane.

² Graduado no Bacharelado em Humanidades pela UNILAB.

ABSTRACT

Interjections are expressions that reflect emotions, reactions and feelings quickly and often involuntarily. In Angolan Portuguese, these expressions highlight not only the language itself, but also a part of the incredibly varied and informed culture of its people. The objective of this research is to analyze interjections in various styles of music (Kuduro, Kizomba, Semba and Hip Hop). The research seeks to discuss the relationships between language and society in the Angolan context, as well as to identify specific features of Angolan Portuguese interjections in light of the relationships between language and culture. We carried out an organized literature review, which allowed us to dialogue with authors such as Sassuco (2021), Labov (2008), Mollica (2004), Coelho et al. (2012), Undolo (2014), Santana; Timbane (2021) and Aguilar (2011). In addition, we analyzed the lyrics of the various styles of music made in Angola, a total of 10, between men and women. That is why we opted for a simple random sample. The research concludes that interjections are, therefore, a linguistic tool of non-direct expression, but that they contain cultural and social meanings that differentiate sociocultural identities. Based on rigorous observations among native speakers, the study concludes that the strength and nuances implemented in Angolan Portuguese interjections demonstrate their relevance in cultural understanding and social dynamics as useful activities. Finally, it is concluded that the research contributes to the discourse on the interconnection between language and culture, reflecting the social life present in the culture of a people in the language in use.

Keywords: Portuguese language – interjections; Portuguese language – Angola; sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

As interjeições constituem elementos linguísticos tradicionalmente definidos como expressões de carácter emotivo, associadas à oralidade e produzidas, muitas vezes, de forma espontânea. No entanto, para além dessa função expressiva, tais formas desempenham papéis importantes na construção de sentidos, na organização dos discursos e na manifestação de identidades socioculturais. No contexto angolano, marcado pelo contacto histórico entre o português e diversas línguas bantu, observa-se que as interjeições adquirem configurações

particulares, revelando aspectos culturais e sociais específicos das comunidades que as empregam.

Partindo dessa perspectiva, torna-se pertinente analisar as interjeições enquanto fenômenos linguísticos que transcendem a simples exteriorização de emoções, incorporando traços sociolinguísticos relevantes. Tal como Cunha e Cintra (2016), apontam que a interjeição pode funcionar como um “grito” ou emissão breve que sintetiza reações humanas diversas. Sassuco (2021), ao discutir o português falado em Angola, destaca que a convivência com as línguas bantu promove processos de reestruturação linguística contínua, originando uma variedade angolana com características próprias. Assim, compreender as interjeições nessa variedade implica considerá-las como reflexo da configuração multilíngue do país.

As interjeições utilizadas pelos falantes angolanos manifestam, portanto, uma dimensão cultural que não pode ser dissociada das condições históricas, sociais e étnicas do país. Como fenômeno marcado pela oralidade, a sua interpretação depende de elementos como entoação, duração, intensidade e contexto interacional, o que lhes confere uma grande versatilidade semântica. Na linha de Monteiro e Xatara (2010), uma mesma forma pode veicular sentidos distintos, dependendo do enquadramento discursivo e do modo como é realizada vocalmente.

Dada a escassez de estudos específicos sobre interjeições no português angolano, sobretudo em contextos de uso espontâneo como as letras de música, esta pesquisa parte da seguinte questão central: quais interjeições emergem com maior frequência na produção musical angolana contemporânea e que valores socioculturais podem ser associados a elas?

A partir disso, formulam-se as seguintes hipóteses: (i) o uso de interjeições nas músicas favorece a expressividade artística e contribui para a construção de sentidos culturais compartilhados; (ii) determinadas interjeições funcionam como marcadores identitários, refletindo práticas linguísticas específicas de regiões, grupos étnicos ou faixas sociais.

Com base nessas hipóteses, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o uso de interjeições em diferentes estilos musicais angolanos Kuduro, Kizomba, Semba e Rap/Hip Hop buscando identificar relações entre língua, cultura e práticas sociais. Especificamente, pretende-se: a) discutir o papel da variação linguística na constituição do português angolano; b) compreender o lugar das interjeições na interface entre língua e cultura; c) identificar padrões de uso dessas expressões nas letras analisadas; d) refletir sobre possíveis influências das línguas bantu na formação ou reinterpretação dessas interjeições.

Para alcançar tais objetivos, realizou-se uma revisão bibliográfica que dialoga com autores como Labov (2008), Mollica (2004), Coelho *et al.* (2015), Aguilar (2011), Sassuco (2021) e outros que abordam variação, interjeições e contactos linguísticos. A seleção é

constituída por dez músicas de artistas angolanos selecionados a partir de critérios de relevância e diversidade estilística, permitindo observar tanto formas recorrentes como particularidades regionais ou individuais.

Considera-se que o estudo das interjeições no português angolano oferece subsídios relevantes para compreender não apenas fenômenos linguísticos formais, mas também aspectos identitários e culturais expressos por meio da língua em uso. A presente investigação organiza-se em cinco seções: uma discussão inicial sobre variação linguística; a problematização do português angolano e do preconceito linguístico; uma abordagem sobre interjeições e cultura; a apresentação das interjeições no corpus analisado; e, por fim, uma reflexão sobre as relações entre língua e cultura no contexto angolano.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DE UMA LÍNGUA

A variação linguística é um fenômeno inerente às línguas naturais e constitui um dos pilares da sociolinguística. Em contextos nos quais um mesmo idioma é utilizado por comunidades distintas, observa-se a coexistência de diferentes formas linguísticas alternativas, as quais são denominadas variantes. Tal como afirma Mollica (2004), a variação é universal e manifesta-se tanto em aspectos fonéticos, morfológicos e sintáticos quanto no nível lexical. A diversidade de usos não deve ser interpretada como sinal de irregularidade ou inadequação, mas como evidência do dinamismo característico das línguas em funcionamento.

Variações podem surgir em função de inúmeros fatores, tais como região geográfica, classe social, faixa etária, gênero, níveis de escolaridade, contacto entre línguas, entre outros. Coelho et al. (2015) salientam que é comum que as primeiras diferenças percebidas pelos falantes se concentrem no léxico, uma vez que as palavras são os elementos mais externos do sistema linguístico. Assim, expressões distintas podem designar a mesma realidade, dependendo do grupo social ou da região em que são empregadas. A existência de tais diferenças evidencia que a língua não constitui um sistema homogêneo, mas um conjunto de variedades que coexistem e interagem.

No caso de Angola, a situação sociolinguística é particularmente complexa. A presença de múltiplas línguas nacionais sobretudo as línguas bantu influenciou e continua a influenciar a formação do português angolano. O português chegou ao território angolano no período colonial e, após a independência (1975), foi institucionalizado como a única língua oficial e a principal língua de escolarização. Embora essa escolha tenha reforçado o papel da variedade

européia como modelo de referência, o português em uso no país passou, ao longo das décadas, por processos internos de adaptação, resultando numa variedade marcada por características fonéticas, lexicais e pragmáticas próprias.

Nesse quadro, torna-se fundamental distinguir entre variantes padrão e não padrão. As variedades padrão são aquelas convencionalmente associadas a grupos de maior prestígio social, normalmente legitimadas por instituições educativas e normativas. Por sua vez, as variantes não padrão constituem formas igualmente legítimas do ponto de vista estrutural, mas frequentemente alvo de estigmatização social. Coelho *et al.* (2015) afirmam que, embora diferentes, todas as variantes garantem a comunicação entre os falantes, o que demonstra que nenhuma é linguisticamente superior à outra. A atribuição de prestígio é um fenômeno sociocultural e não linguístico.

As mutações observáveis na língua são resultado de processos de mudança motivados pela dinâmica social. Variações regionais como as que ocorrem entre o português falado em Luanda e nas províncias do Centro-Sul refletem tanto diferenças culturais quanto os distintos graus de contacto entre o português e as línguas bantu locais. Esse contacto linguístico, como destaca Sassuco (2021), é determinante para explicar comportamentos inovadores na variedade angolana do português, sobretudo em níveis como o léxico e a prosódia.

Desse modo, compreende-se que a língua, enquanto fenómeno vivo, encontra-se em constante transformação. Não há motivo linguístico que justifique considerar uma variedade inferior ou superior a outra; o que existe, antes, são percepções sociais construídas historicamente. Faraco (2004) lembra que nenhuma norma padrão consegue eliminar a diversidade linguística, pois esta decorre da heterogeneidade social e cultural das comunidades de fala. Assim, considerar a variação como um desvio significa ignorar a realidade dos falantes e desvalorizar práticas linguísticas legítimas.

No contexto desta pesquisa, a discussão sobre variação linguística é essencial para compreender o uso das interjeições no português angolano. Como elementos sensíveis à oralidade e ao contexto sociocultural, as interjeições refletem de modo imediato as condições de fala do seu grupo de usuários. A análise das interjeições nas músicas angolanas só se torna pertinente quando se compreendem as bases sociolinguísticas que sustentam a diversidade da variedade angolana do português.

Assim, este capítulo estabelece os fundamentos teóricos necessários para reconhecer que as formas linguísticas encontradas no corpus mesmo quando não coincidem com o padrão europeu fazem parte de um processo natural de variação. Tal reconhecimento evita julgamentos

prescritivos e possibilita uma análise mais rigorosa sobre o papel das interjeições na constituição de identidades e práticas culturais em Angola.

2 O PORTUGUÊS ANGOLANO E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A situação linguística de Angola caracteriza-se pela coexistência de múltiplas línguas nacionais, predominantemente pertencentes ao grupo bantu, em contacto com o português. Após a independência, em 1975, o português foi instituído como a única língua oficial e tornou-se o principal veículo de ensino, administração e comunicação institucional. Embora essa decisão tenha buscado promover a unidade nacional, contribuiu também para reforçar o estatuto privilegiado da variedade europeia como modelo de referência, o que, por sua vez, influenciou as percepções sociais sobre o “bom uso” da língua.

A Constituição da República de Angola (Art. 19.º) reconhece a importância das línguas nacionais e incentiva o seu ensino e valorização. No entanto, apesar desse reconhecimento formal, persistem assimetrias entre o estatuto do português e o das línguas bantu. Undolo (2014) destaca que as línguas bantu exercem influência significativa sobre o português falado no país, sobretudo em aspetos fonéticos, prosódicos e lexicais. Essa influência, entretanto, nem sempre é percebida como legítima no debate público, o que contribui para a formação de posturas discriminatórias.

Embora o português angolano venha ganhando espaço como variedade em consolidação, observa-se que a norma europeia continua a ser frequentemente tomada como padrão prestigiado. Tal valorização ocorre tanto no sistema educativo quanto em práticas sociais quotidianas, como entrevistas de emprego, contextos formais de comunicação ou ambientes institucionais. Essa situação faz com que muitos falantes associem o português europeu a uma forma “correta” ou “superior” de expressão, enquanto as variedades locais são vistas como simplificadas, desviantes ou inadequadas.

Essa visão está na base do preconceito linguístico, entendido como a desvalorização de práticas linguísticas de grupos sociais específicos. Santana e Timbane (2021) mostram que ainda é comum que falantes de português em Angola afirmem que “só em Portugal se fala bem”, o que evidencia como representações sociais moldadas historicamente influenciam percepções sobre as variedades da língua. A consequência direta desse quadro é a estigmatização de falantes que não dominam o sotaque ou as estruturas características do padrão

européu. Assim, indivíduos podem ser julgados não por sua competência comunicativa, mas por sua proximidade (ou distância) de um modelo normativo percebido como legítimo.

Esse processo produz efeitos reais na vida social. Há casos de reprovações em processos seletivos, dificuldades no ambiente escolar e constrangimentos em interações institucionais decorrentes do uso de marcas linguísticas locais. Timbane e Cá (2021) argumentam que muitos docentes continuam a enfatizar o modelo europeu em sala de aula, o que limita a valorização das formas de expressão próprias da variedade angolana. Ao invés de se reconhecer a pluralidade linguística existente no país, tende-se a reproduzir uma ideologia de unicidade que não corresponde à realidade sociolinguística angolana.

A estigmatização das variantes não padrão não se justifica do ponto de vista linguístico. Conforme Coelho *et al.* (2015), todas as variedades são sistemáticas e plenamente funcionais. A atribuição de prestígio é, portanto, sociocultural e não estrutural. Faraco (2004) reforça que nenhuma norma padrão consegue eliminar a diversidade, pois esta decorre da heterogeneidade cultural e do movimento histórico das sociedades. Assim, a noção de que existe uma única forma legítima de falar português especialmente aquela associada ao padrão europeu não encontra respaldo teórico na linguística contemporânea.

A compreensão crítica do preconceito linguístico é fundamental para analisar o português angolano como uma variedade legítima e dinâmica. Ao reconhecer que o português em Angola evolui em vias próprias, estruturando-se a partir do contacto com as línguas nacionais, torna-se possível compreender o aparecimento de fenómenos linguísticos inovadores, entre os quais se incluem as interjeições características observadas no corpus desta pesquisa. Esses traços, longe de representarem desvios, configuram processos naturais de mudança e adaptação linguística.

A análise do preconceito linguístico ajuda ainda a contextualizar a dimensão identitária associada às interjeições angolanas. O uso dessas formas não ocorre apenas como mecanismos de expressão emocional; ele evidencia práticas culturais e posicionamentos sociais que participam da construção de identidades. Com isso, o estudo das interjeições deve ser entendido menos como uma comparação entre formas “corretas” e “incorretas” e mais como uma oportunidade de observar a riqueza da diversidade linguística existente em Angola.

3 AS INTERJEIÇÕES NUMA LÍNGUA E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA

A relação entre língua e cultura é amplamente reconhecida na literatura linguística e antropológica. A língua, enquanto sistema simbólico, constitui um meio privilegiado de expressão das práticas sociais, dos valores culturais e dos modos de organização dos grupos humanos. Assim, ao analisar elementos linguísticos como as interjeições, torna-se necessário situá-los em contextos sociais concretos, investigando de que forma tais expressões refletem concepções culturais e identidades coletivas.

As interjeições, tradicionalmente classificadas como expressões de emotividade, representam um tipo de manifestação linguística particularmente sensível ao contexto sociocultural. Isso se deve, em grande parte, ao seu vínculo com a oralidade e ao fato de serem produzidas, muitas vezes, de maneira súbita, espontânea e com forte carga prosódica. Cunha e Cintra (2016) apontam que as interjeições funcionam como emissões breves que condensam emoções e reações humanas diversas, constituindo um recurso expressivo de alto impacto comunicativo.

Do ponto de vista da sociolinguística, elementos como entoação, intensidade e duração desempenham papel crucial na interpretação das interjeições. A mesma forma pode adquirir significados distintos conforme o contexto situacional, a entoação aplicada e os valores culturais dos falantes. Monteiro e Xatara (2010) destacam que algumas interjeições podem apresentar sentidos opostos dependendo da prosódia, o que demonstra a flexibilidade semântica desse tipo de expressão.

Considerando que as línguas são construções sociais atravessadas por práticas culturais, o uso de interjeições pode ser interpretado como manifestação de identidades coletivas. Em Angola, onde coexistem o português e múltiplas línguas bantu, o repertório interjectivo revela influências desse contacto linguístico prolongado. Assim, certas interjeições usadas no português angolano não encontram paralelos diretos em outras variedades da língua, ou apresentam reinterpretações semânticas que refletem práticas socioculturais específicas.

A literatura sobre língua, cultura e identidade oferece suporte para essa análise. Santana (2012) sublinha que a língua constitui um comportamento social influenciado por valores culturais e capaz de expressar a identidade de seus falantes. Lunardi (2005), de modo semelhante, argumenta que a língua participa da formação das identidades nacionais e atua como mediadora de experiências sociais e afetivas. Por esse motivo, ao estudar elementos linguísticos de caráter expressivo, torna-se imprescindível considerar o contexto histórico e cultural no qual esses elementos se inserem.

As interjeições constituem um exemplo particularmente ilustrativo dessa articulação entre língua e cultura. Por serem manifestações emotivas imediatas, elas podem refletir valores partilhados, hábitos comunicativos locais e referências culturais de determinado grupo. Em sociedades multilíngues, como a angolana, tais expressões podem funcionar ainda como indicadores do repertório linguístico do falante, contribuindo para identificar sua origem regional, etnolinguística ou comunitária. Essa observação é compatível com a ideia de que as interjeições podem servir como marcadores socioculturais, sobretudo quando associadas a práticas discursivas que diferenciam grupos.

Além disso, as interjeições reforçam a dimensão oral e interacional da linguagem. Como observam Lunardi (2005) e Klimsa (2022), trata-se de elementos que sintetizam emoções, estabelecendo vínculos comunicativos e facilitando a expressão espontânea do falante. A sua representação escrita é limitada, uma vez que a entoação e a duração são aspetos difíceis de padronizar graficamente. Esse caráter eminentemente oral torna as interjeições ferramentas privilegiadas para observar fenómenos de variação e contacto linguístico.

No caso angolano, muitos recursos interjectivos revelam influências das línguas bantu, seja pela forma fonética, pelo significado associado ou pelo contexto de uso. Essa influência não ocorre de maneira uniforme no território, visto que as realidades linguísticas variam conforme a região. A presença de interjeições específicas de grupos etnolinguísticos demonstra como a língua portuguesa, em Angola, se adapta ao mosaico cultural e linguístico do país, incorporando elementos que refletem o ambiente sociolinguístico local.

Dessa forma, as interjeições não devem ser compreendidas apenas como expressões de emoção, mas como elementos que dialogam com práticas sociais, valores culturais e identidades coletivas. A análise dessas expressões nas letras de música angolana permite observar como os falantes recorrem a recursos expressivos para construir sentidos compartilhados e reforçar pertencimentos identitários. Assim, este capítulo evidencia que o estudo das interjeições no português angolano exige uma abordagem integrada, que considere tanto as dimensões linguísticas quanto os elementos culturais que permeiam o seu uso.

3.1 AS INTERJEIÇÕES. CONCEITO. CARACTERÍSTICAS DAS INTERJEIÇÕES

As interjeições constituem uma classe tradicionalmente associada à expressão de emoções, sentimentos, estados afetivos e reações momentâneas. A literatura gramatical e linguística apresenta diferentes definições para esse tipo de elemento, mas há consenso quanto ao seu caráter essencialmente expressivo e à sua forte vinculação com a oralidade.

Neto e Infante (1998) descrevem as interjeições como palavras invariáveis que servem para manifestar sensações, emoções e atitudes, dispensando estruturas sintáticas complexas. De modo semelhante, Aguilar (2011) caracteriza-as como itens proferidos de forma espontânea e portadores de significados ligados às dimensões afetivas e sensoriais. Essa espontaneidade é um dos traços que distinguem as interjeições de outros elementos linguísticos mais estáveis ou previsíveis.

Outros autores, porém, ampliam essa concepção. Chini e Caetano (2020) classificam as interjeições como palavras que exprimem estados emotivos ou de apelo, ressaltando sua relação com a estilística. Bechara (2009) argumenta que, em determinados contextos, a interjeição pode equivaler a um enunciado completo, aproximando-se, funcionalmente, de uma oração independente. Essa observação demonstra que, embora frequentemente reduzidas a um elemento isolado, as interjeições podem desempenhar papéis discursivos mais complexos.

Do ponto de vista da linguística geral, Basso e Teixeira (2019) definem as interjeições como uma classe aberta e heterogênea, não totalmente integrada à estrutura sintática da sentença. Elas podem surgir como unidades isoladas ou como elementos que se relacionam marginalmente com a frase, funcionando como marcadores pragmáticos, modais, avaliativos ou afetivos. Portanto, embora incluídas na tradição gramatical como “palavras invariáveis”, as interjeições possuem variação interna relevante, especialmente em contextos informais.

Outro aspecto importante refere-se ao seu comportamento formal. De modo geral, as interjeições não sofrem flexão nominal nem verbal, o que justifica a classificação tradicional de “invariáveis”. No entanto, Svobodová (2012) observa que algumas interjeições secundárias especialmente aquelas provenientes de processos de conversão ou derivação podem variar em grau quando intensificadas, assumindo maior expressividade (por exemplo: “ai!”, “aiii!”, “eita!”, “eitaa!”). Isso demonstra que a invariabilidade não impede a manipulação prosódica para fins expressivos.

As interjeições podem ser classificadas em simples (formadas por um único item lexical) ou em locuções interjetivas (compostas por duas ou mais palavras). Essas locuções decorrem frequentemente da lexicalização de expressões que perderam o significado composicional original, passando a funcionar como unidades expressivas cristalizadas, como exemplificam formas do tipo “ai meu Deus!” ou “puxa vida!”.

Em termos funcionais, as interjeições podem expressar ampla gama de valores semânticos: alegria, dor, espanto, aprovação, advertência, desagrado, saudação, pedido de silêncio, desejo, entre outros. A literatura tradicional costuma apresentar listas classificatórias desses valores, como no quadro organizado por Aguilar (2011). Essas listas, embora úteis, não

são exaustivas; a interpretação das interjeições depende, sobretudo, do contexto situacional e da entoação, o que reforça seu vínculo com a oralidade.

O caráter eminentemente oral das interjeições é enfatizado por diversos autores. Klimsa (2022) destaca que elas são socialmente convencionais, mas, ao mesmo tempo, dependem da interação e da presença do destinatário para ganhar sentido pleno. A entoação, a duração, o volume e a intensidade são elementos essenciais para a compreensão do valor que a interjeição assume em determinado contexto. Como resultado, a representação gráfica das interjeições é frequentemente limitada, e a escrita não consegue captar plenamente a amplitude fonoprosódica presente na fala.

Por fim, convém destacar que todas as línguas dispõem de interjeições, embora haja grande diversidade entre elas quanto às formas utilizadas e aos valores culturais associados. A presença universal das interjeições reforça sua relevância descritiva. Contudo, a forma específica como cada comunidade organiza e utiliza essas expressões é influenciada por valores culturais, história linguística e características sociocomunicativas locais. No caso angolano, como será discutido nas próximas seções, o contacto com as línguas bantu contribui para a emergência de interjeições particulares e para a resignificação de formas herdadas do português europeu.

Assim, compreender as interjeições implica reconhecer tanto sua dimensão linguística quanto sua função cultural, especialmente em contextos multilíngues onde elas podem servir como marcadores identitários e indicadores de pertença social.

A leitura cuidadosa das letras permitiu identificar interjeições e expressões interjectivas usadas pelos artistas. Os quadros abaixo organizam as ocorrências, classificando-as quanto ao tipo e ao valor expressivo.

Quadro 1 - Interjeições comum identificadas no português angolano

Interjeição	Valor expressivo predominante	Observações
Ah / Aaah!	Surpresa, alívio ou emoção prolongada	Varia de acordo com a entoação
Oh!	Espanto, chamamento	Forma recorrente na Kizomba
Eh!	Advertência ou chamamento	Presente sobretudo no Kuduro
Epa!	Surpresa, desaprovação	Comum nas músicas Hip Hop
Ui!	Dor, susto ou reação emotiva	Uso expressivo em passagens intensas
Ih!	Surpresa informal	Marca oral típica da fala urbana
Yá!	Acordo, resposta afirmativa	Influência juvenil/urbana
Aiuéé	Dor, lamentação	Forma recorrente no Semba
Uauéé!	Espanto, dor	Influência da cultura
Éuéé!	Dor, intimidar	Recorrente nos diversos estilos musicais

Fonte: dados da pesquisa.

Ex: 1 = éuéé = (Sebem: Felicidade)

Ex: 2 = éuéé = (As Gingas: Lengueno lengueno)

Ex: 3 = éuéé = (Yannick: 1,2,3)

Ex: 4 = éuéé = (Párola feat Cubita: Não vai lá)

Ex: 5 = éuéé = (Bonga: São Slavador)

Ex: 6 = éuéé = (Puto Português feat Paulo Flores: Meu Semba)

A interjeição **éuéé**, no contexto angolano, pode assumir diferentes funções comunicativas. Em determinados usos, ela está associada ao ato de assustar ou intimidar, provocando no interlocutor o sentimento de medo ou advertência, o que contrasta com a classificação apresentada no quadro 1. Esse caráter multifuncional evidencia a necessidade de compreender as interjeições como fenômenos variáveis e dependentes do contexto sociocultural.

Outro aspecto a considerar é a presença relativamente menor de interjeições nas produções musicais de cantoras angolanas, em comparação com os cantores. Essa diferença, observada no quadro 2, não deve ser interpretada como ausência de expressividade, mas como uma escolha estilística que reflete trajetórias individuais e estratégias criativas distintas.

É relevante destacar que cada artista constrói sua identidade musical a partir de decisões próprias. A opção por incluir ou não interjeições nas letras podem ser entendida como parte de um processo criativo que busca singularidade em um mercado competitivo. Em alguns casos, a simplicidade das composições, sem interjeições, pode constituir um recurso deliberado para estabelecer uma conexão mais direta com o público.

Quadro 2 - Interjeições identificadas nas letras das músicas

Cantor(a)	Interjeição	Sentimento	Estilo de Música	Título da Música
Bonga	éuéé	Medo	Semba	<i>São Salvador</i>
Jivago	aiuéé	Dor	Semba	<i>Ramiro</i>
Ary	aiuéé	Dor	Semba	<i>Assuntos na banda</i>
Yola Semedo	hummm	Dúvida	Kizomba	<i>Você me abana</i>
Os Lambas	yá	Aprovação	Kuduro	<i>Tá te cuiar</i>
Yannick	umum	Aprovação	Rap	<i>Estou a desconfiar</i>
Pérola ft Cubita	yá	Aprovação	Kizomba	<i>Não vai lá</i>
Os + Potentes	chéé	Surpresa	Kuduro	<i>Vem cá</i>
Chelsea Dinorath	oh, ah, eh,	Espanto	Kizomba	<i>À toa</i>
Yuri da Cunha	wawéé	Espanto	Semba	<i>Tudo mudou</i>
Sebem	ephaa	Estímulo	Kuduro	<i>Felicidade</i>
Yannick	yehaa	Estímulo	Rap	<i>Salta salta</i>

Fonte: dados da pesquisa.

A análise da frequência revelou padrões importantes como:

- **Kizomba:** uso predominante de interjeições **afetivas e melódicas** (“meu Deus!”, “ai”, “oh meu amor”).
- **Semba:** presença moderada de expressões tradicionais e usos espontâneos (“eh!”, “oh!”).
- **Hip Hop:** maior uso de interjeições **marcadoras de atitude** ou de identidade urbana (“ya!”, “epa!”, “ih!”).
- **Kuduro:** elevada frequência de interjeições **rítmicas e energéticas** (“eh!”, “hey!”, “ui!”).

A presença das interjeições no conjunto de letras analisadas sugere que esses elementos cumprem funções discursivas específicas nos géneros musicais angolanos:

a) Função expressiva

Interjeições como ah!, ai! e meu Deus! enfatizam emoções relacionadas ao amor, à dor e ao desejo tema constante nas letras de Kizomba e Pop.

b) Função rítmica

No Kuduro, interjeições como eh! e hey! atuam como marcadores de pulsação, acompanhando a energia do género.

c) Função identitária

Formas como ya! e ué! são marcadores urbanos e culturais associados à juventude e à fala quotidiana de Luanda.

d) Função pragmática

Algumas interjeições servem para orientar o discurso, como chamamentos ou pedidos de atenção (oh!, eh!).

e) Influência das línguas bantu

Expressões como éuéé! ou entoações prolongadas típicas (aaah, eei) revelam padrões prosódicos associados às línguas nacionais.

Diante do vasto mosaico linguístico angolano, as línguas nativas têm desempenhado papel relevante na formação da variedade do português falado no país. Essa influência manifesta-se, entre outros aspectos, no uso de interjeições e locuções interjetivas, que refletem práticas culturais e comunicativas específicas.

Observa-se, por exemplo, que entre os Ovimbundos especialmente em províncias como Benguela, Huambo, Bié e Huíla certas interjeições apresentam características próprias, conforme ilustrado no quadro 3. Tais diferenças sugerem que o português angolano se molda

continuamente às interações com as línguas locais, revelando a diversidade e a riqueza cultural que permeiam sua oralidade.

Quadro 3 - Vejamos alguns exemplos

Interjeição	Sentimento
Okó	Espanto
Ové	Advertência
Aká	Desagrado

Fonte: dados da pesquisa

No contexto angolano, observa-se o uso frequente de determinadas locuções interjetivas que se incorporaram ao português falado no país. Essas expressões, apresentadas no quadro a seguir, ilustram como a oralidade e os fatores culturais influenciam a construção da variedade angolana da língua.

Quadro 4 - Identificação de locuções

Locuções Interjetivas	Sentimento / PA
Eh pa!	Surpresa, admiração, indignação
Ai meu Deus!	Espanto, preocupação, desespero
Epá, fogo!	Frustração
Olha só!	Chamar atenção
Tá maluco!	Incredulidade, crítica
Fala só!	Favor de falar
Mamã uéé!	Afeto, pedido de ajuda

Fonte: dados da pesquisa

3.2 AS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA E CULTURA

As relações entre língua e cultura remetem ao processo contínuo de transformações que atravessam ambas. Nesse sentido, torna-se relevante considerar que, ao falar de uma língua, inevitavelmente evocamos fatores culturais, já que a língua constitui um dos elementos que estruturam a cultura de uma comunidade. Essa perspectiva tem gerado debates sobre a indissociabilidade entre língua e cultura, sobretudo no campo do ensino. Conforme Oliveira, Santos e Dias (2013, p. 98).

[...]Dentre os debates, surgem algumas discussões importantes sobre a indissociabilidade entre língua e cultura. Ao ensinar uma língua, ensinam-se, concomitante a esta, valores culturais, pois palavras adquirem sentido apenas quando proferidas dentro de determinado contexto social regido por normas culturais.

Com o avanço dos estudos linguísticos, intensificaram-se também as discussões sobre o grau de ligação entre língua e cultura. Há quem defenda essa relação como fundamental para valorizar a língua enquanto expressão cultural, mas existem posições que sustentam a dissociação, privilegiando estruturas linguísticas em detrimento dos aspectos culturais. De acordo com Oliveira, Santos e Dias (2013, p. 99), “Apesar das teorias que contradizem a dissociação entre língua e cultura, há quem se posicione a favor da separação entre estas, a exemplo daqueles que adotam métodos de ensino que privilegiam estruturas linguísticas e marginalizam aspectos culturais.”

Embora já existam pesquisas significativas sobre essa temática, permanece a necessidade de novos estudos que abordem a relação entre língua e cultura de forma integrada, evitando análises que as tratem separadamente. Como afirmam Silva e Sousa (2017, p. 273), “O capital cultural de um grupo social está presente na fala de um falante desse grupo, o qual não fala por si só; ele fala em nome do grupo.” No contexto angolano, essa relação é particularmente valorizada devido às características dos diferentes grupos étnicos. A língua, nesse cenário, funciona como marcador identitário:

Ex 7: Ao ouvir alguém falar Kimbundo, associa-se à etnia Ambundo;

Ex 8: Ao falar Umbundo, à etnia Ovimbundo;

Ex 9: E ao falar Kikongo, ao grupo Bakongo.

Esses exemplos evidenciam como a língua se articula à cultura, reforçando que não deve ser analisada de forma isolada. Costa (2015, p. 54) observa que “as relações entre a língua, comunidade e cultura são particularmente manifestadas no léxico”, o que mostra como a experiência humana se expressa por meio da língua e, ao mesmo tempo, como esta impõe modos específicos de leitura da realidade.

Negar essa relação equivaleria a negar a própria cultura de um povo, prática que remete ao período colonial, quando línguas africanas foram proibidas em seus territórios como forma de apagar traços culturais. Mingas (2021, p. 379) lembra que “o período colonial caracterizou-se pela não-aceitação das culturas africanas locais, o que levou à proibição de utilização das línguas africanas locais, porque veículos, por excelência, das respectivas culturas”. Assim, ao estudar os fatores culturais de uma comunidade, é imprescindível considerar a língua como parte inseparável desse processo, pois não há como compreender cultura sem compreender língua, e vice-versa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o uso das interjeições em letras de músicas angolanas contemporâneas, observando como esses elementos expressivos refletem práticas sociolinguísticas e culturais características do português falado em Angola. A partir da análise de dez músicas de géneros distintos Kizomba, Semba, Kuduro e Hip Hop foi possível identificar padrões de uso, tendências expressivas e valores socioculturais associados às interjeições.

A investigação demonstrou que as interjeições constituem elementos relevantes no português angolano, não apenas pela função expressiva tradicionalmente reconhecida na literatura, mas também por sua atuação como marcadores identitários e culturais. Tal como discutido nos capítulos iniciais, a relação entre língua e cultura é fundamental para compreender o modo como essas expressões se realizam nas práticas comunicativas dos falantes. Em contextos multilíngues, como o angolano, o contacto entre o português e as línguas bantu produz uma variedade linguística dinâmica e permeável a influências prosódicas, semânticas e discursivas.

Os resultados das letras selecionadas mostram que diferentes géneros musicais recorrem a interjeições de modo distinto. A Kizomba e o Semba utilizam, predominantemente, interjeições afetivas, muitas delas associadas ao campo emocional, como *ai*, *ah*, *oh* e expressões formulaicas, a exemplo de *meu Deus!* ou *oh meu amor!* Tais formas reforçam o carácter sentimental e melódico desses estilos.

O Kuduro, por sua vez, apresenta interjeições com função mais rítmica e performativa, como *eh!*, *hey!* e *ui!*, que acompanham a energia e o ritmo acelerado característicos do género. No Hip Hop, observou-se maior ocorrência de interjeições que marcam identidade urbana e atitude discursiva, como *ya!*, *epa!* e *ih!*. Essas diferenças sugerem que as interjeições não são empregadas de maneira aleatória, mas associadas a padrões estilísticos e culturais de cada género musical.

Outro aspeto relevante identificado é a influência de práticas linguísticas bantu na constituição do repertório interjectivo angolano. A presença de formas como *ué!* ou entoações alongadas (*aaah*, *eeei*) indica que a prosódia e a expressividade próprias das línguas nacionais influenciam a produção das interjeições no português angolano. Essa constatação reforça a ideia de que, num contexto de contacto linguístico, elementos expressivos são particularmente suscetíveis à influência cultural.

Outro aspeto relevante identificado é a influência de práticas linguísticas bantu na constituição do repertório interjectivo angolano. A presença de formas como ué! ou entoações alongadas (aaah, eeei) indica que a prosódia e a expressividade próprias das línguas nacionais influenciam a produção das interjeições no português angolano. Essa constatação reforça a ideia de que, num contexto de contacto linguístico, elementos expressivos são particularmente suscetíveis à influência cultural.

A análise também permitiu constatar que as interjeições desempenham funções pragmáticas importantes, como chamamento, marcação de atitude, organização do discurso ou reforço de determinados valores emocionais. Ao mesmo tempo, verificou-se que essas expressões contribuem para a construção de identidades linguísticas e culturais, sendo utilizadas pelos artistas como parte de uma estética discursiva que representa modos de ser e de comunicar próprios da sociedade angolana.

Do ponto de vista sociolinguístico, os dados analisados confirmam que o português angolano apresenta comportamentos linguísticos característicos, resultantes de processos históricos, culturais e de contacto linguístico. A presença sistemática de interjeições específicas ou reinterpretações de formas mais gerais é um dos elementos que evidenciam esse processo de variação e mudança.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Luís. **Interjeições e locuções interjetivas**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

BASSO, Renato Miguel; TEIXEIRA, Ariane. **Uma tipologia para as interjeições do português brasileiro**. Revista do GEL, São Carlos (SP), Vol. 16, n. 3, p. 10 – 34, 2019.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CÁ, Segunda; TIMBANE, Alexandre António. **A variação léxico-semântica e o ensino do português guineense**. RILP - Revista Internacional em Língua Portuguesa, Lisboa, nº 39, p.120-152, 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer a Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Teresa Manuel Camacha José da. **Umbundismos no português de Angola: proposta de um dicionário de Umbundismos**. 2015. 220f. Doutoramento em Linguística, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2015.

CHINI, Alexandre; CAETANO, Marcelo Moraes. **Gramática normativa da língua portuguesa: um guia completo do idioma**. Brasília: Conselho Federal da OAB, 2020.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

KLIMSA, Bernardo Luís Torres. **Estudo descritivo das interjeições da Língua Brasileira de Sinais - Libras**. 2022, 166f. Mestrado Linguística e Literatura, Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Maceió, 2022.

KLAFKE, Mariana. **Classes de palavras: interjeição**. São Paulo: Contexto, 2017.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUNARDI, Márcia Lise; GRACIELE, Marjana Kraemer. **Língua, cultura e identidade**. Rio Grande do Sul: UFSM, 2005.

MINGAS, Amélia Arlete. **Línguas e culturas em Angola**. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.377-385, jul./dez. 2021.

MONTEIRO, Tamires; XATARA, Cláudia. **Dicionário de interjeições francês-português**. São Paulo: Ed. UNESP/ FAPERP, 2009.

MOLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

NETO, Pasquale Cipro; INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Scipione LTADA, 1998.

OLIVEIRA, Barbara Caroline de; SANTOS, Marcelo Sousa; DIAS, Romar Souza. **Língua-cultura: teorias e implicações para o ensino de línguas**. Metáfora Educacional, Feira de Santana (BA), n.15, dez.2013.

SASSUCO, Daniel Peres; UNDOLO, Mário; TIMBANE, Alexandre António. **O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino**. São Paulo: Opção, 2021.

SANTANA, Joelton Duarte de. **Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: língua-vidas em português**. Linha d'Água, São Paulo, nº25 (1), p.47-66, 2012.

SVOBODOVÁ, Iva. **Emprego das interjeições em contos infantis em Português**. 2012, 80f. Mestrado em Língua e literatura portuguesa, Universidade Masaryk, Faculdade de Letras. Brno, 2012.

SILVA, Paulo Cesar Garré; SOUSA, António Paulino de. **Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural**. Educação e Emancipação, São Luís, Vol. 10, nº 6, p.260 – 285, set/dez 2017.

UNDOLO, Márcio Edu da Silva. **Caracterização da norma do português em Angola**. 2014. 329f. Doutorado em Linguística, Universidade de Évora, Évora, 2014.